

## O LUGAR QUE O LEITOR OCUPA NO DIÁLOGO COM O DISCURSO LITERÁRIO

### THE PLACE OF THE READER IN THE DIALOGUE WITH THE LITERARY DISCOURSE

Denísia Moraes dos Santos\*

**Resumo:** Neste artigo, o objetivo é discutir dois conceitos advindos da teoria de Mikhail Bakhtin — *compreensão ativa responsiva* e *cronotopo do autor e cronotopo do leitor* — considerando como eixo temático da discussão a posição do leitor no diálogo com o discurso literário. O diálogo não ocorre no mundo representado no espaço da narrativa literária. Está fora do mundo representado, entretanto, não está fora da arquitetura da obra literária. Essa concepção teórica oferece ao pesquisador dos estudos da linguagem um olhar mais aguçado para os leitores dos inúmeros objetos socioculturais que circulam na sociedade.

**Palavras-chave:** Leitor. Compreensão responsiva ativa. Cronotopo.

**Abstract:** In this paper, the aim is to discuss two concepts under the theory of Mikhail Bakhtin - *active responsive understanding* and *chronotope of the author/chronotope of the reader* - considering as the main theme of the discussion the reader position in the dialogue with the literary discourse. The dialogue does not occur in the world represented in the literary narrative space. It is outside the represented world, however, it is not out of the architectonics of the literary work. This theoretical framework provides the researcher of language studies a sharper view of the many socio-cultural objects that circulate in society.

**Keywords:** Reader. Active responsive understanding. Chronotope.

#### Considerações iniciais

Este artigo coloca em discussão dois conceitos desenvolvidos por Mikhail Bakhtin, *compreensão ativa responsiva* e *cronotopo do autor e cronotopo do leitor*. O primeiro aparece no ensaio “Os gêneros do discurso”, escrito nos anos de 1950, e publicado na coletânea *Estética da criação verbal*; o segundo está no longo ensaio intitulado “Formas de tempo e de cronotopo no romance: ensaios de poética histórica” escrito nos anos da década de 1930 e publicado na coletânea *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Os estudos de M. Bakhtin sobre a linguagem oferece aos pesquisadores um caminho para análises no campo da comunicação discursiva em diversas práticas sociais.

---

\* Doutoranda no Programa de Filologia e Língua Portuguesa –DLCV-USP, São Paulo, Brasil. E-mail: [denisia.moraes@hotmail.com](mailto:denisia.moraes@hotmail.com)

## 1 A crítica de Bakhtin aos esquemas representativos da comunicação discursiva

No ensaio “Gêneros discursivos”, o teórico russo (BAKHTIN 2006, p. 271) chama-nos a atenção para “uma noção absolutamente deturpada do processo complexo e amplamente ativo da comunicação discursiva”. M. Bakhtin faz uma crítica às representações esquemáticas que apontam para “dois parceiros da comunicação discursiva — o falante e o ouvinte (o receptor do discurso)”(p.271). Essas representações, de acordo com o pensamento bakhtiniano, sugerem “um esquema de processos ativos de discurso no falante e de respectivos processos passivos de recepção e compreensão do discurso no ouvinte” (p.271).

Observaremos ao longo deste artigo que os termos “ativo” e “passivo”, apontados por M. Bakhtin, são usados pelo autor para mostrar o quanto os esquemas representativos da comunicação discursiva estão longe do objetivo real da comunicação discursiva. Para M. Bakhtin (2006, p. 271), “tais representações se transformam em ficção científica”. Há a necessidade de compreender o processo complexo da comunicação discursiva. Para essa tarefa, Bakhtin começa por oferecer ao leitor a origem dos esquemas representativos da comunicação discursiva:

Até hoje ainda existem na linguística *ficções* como o “ouvinte” e o “entendedor” (parceiros do “falante”, do “fluxo único da fala”, etc.). Tais ficções dão uma noção absolutamente deturpada do processo complexo e amplamente ativo da comunicação discursiva. Nos cursos de linguística geral (inclusive em alguns tão sérios quanto o de Saussure\*), aparecem com frequência representações evidentemente esquemáticas dos dois parceiros da comunicação discursiva — o falante e o ouvinte (o receptor do discurso); sugere-se um esquema de processos ativos de discurso do falante e de respectivos processos passivos de recepção e compreensão do discurso no ouvinte. (BAKHTIN, 2006, p.271).

A observação de M. Bakhtin sobre a noção deturpada do processo complexo e amplamente ativo da comunicação discursiva nos permite compreender a comunicação na vida real. Com o foco no leitor, neste trabalho, cabe ainda a discussão sobre que lugar o leitor ocupa na comunicação discursiva.

## 2 O lugar que o leitor ocupa em relação ao autor

---

\* *Slúchatiel*, derivado de *slúchat* (ouvir); *ponimáiuschi*, derivado de *ponimát*, entender, compreender. (Nota do tradutor)

M. Bakhtin mostrou preocupação com a questão do lugar que o ouvinte ocupa em relação ao discurso. Mais do que aparecer em esquemas representativos da comunicação discursiva como o “receptor do discurso”, ou como o ouvinte passivo ao lado do locutor, o ouvinte no olhar bakhtiniano tem vida. Vejamos o que diz Bakhtin sobre o ouvinte:

(...) o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. (BAKHTIN, 2006, p.271)

O termo “ouvinte”, usado por M. Bakhtin, pode ser entendido como “leitor” neste trabalho. A posição que o leitor ocupa no diálogo é responsiva. Desse lugar, é preciso que o leitor compreenda o significado (linguístico) do discurso que engendra a obra. Sem a compreensão do significado linguístico do discurso não há como o leitor ocupar uma ativa posição responsiva.

M. Bakhtin (2006, p.271) esclarece que “toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante”. Na relação leitor e discurso literário, há a possibilidade de o leitor concordar, discordar do narrador (total ou parcialmente), completá-lo, aplicá-lo, e ainda preparar-se para usar o discurso literário na vida.

A compreensão passiva do significado do discurso ouvido é, para M. Bakhtin, apenas um momento abstrato da compreensão ativamente responsiva real e plena, que se atualiza na subsequente resposta em voz alta.

### **3 O lugar que o autor ocupa em relação ao leitor**

O autor é para M. Bakhtin, autor-criador, ou seja, aquele que existe na relação com a criação estética. Há necessidade de distinguir autor (pessoa) de autor-criador. Esse autor é parte constitutiva da obra. Vejamos o que diz M. Bakhtin sobre a posição do autor:

O próprio falante está determinado precisamente a essa compreensão ativamente responsiva: ele não espera uma compreensão passiva, por assim dizer, que apenas dobre o seu pensamento em voz alheia, mas uma resposta, uma concordância, uma participação, uma objeção, uma execução, etc. (os diferentes gêneros discursivos pressupõem diferentes diretrizes de objetivos, projetos de discurso dos falantes ou escreventes).

(...) todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa, mas também de alguns enunciados antecedentes — dos seus e alheios — com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte). (BAKHTIN, 2006, p.272).

Nesse sentido, o autor entra no diálogo com o ouvinte, o leitor, já prenhe de uma compreensão ativamente responsiva. Isso mostra que não importa em que época o discurso literário tenha sido produzido. É necessário compreender que o leitor entrará no diálogo com o autor de seu lugar e época. O autor não espera uma compreensão passiva do leitor. Se pensarmos desse modo, a resposta do leitor constituirá o discurso literário.

De acordo com M. Bakhtin (2006, p.176) “o autor ocupa uma posição responsável no acontecimento do existir, opera com elementos desse acontecimento, e, por isso, a sua obra é também um momento desse acontecimento”. A estratégia do autor para atingir isso é a de dar um acabamento (de formar uma imagem via condensação pela linguagem verbal) a uma imagem do mundo, o que produz uma realidade autossuficiente, mas jamais indiferente à realidade mesma.

Voltando à crítica que M. Bakhtin faz aos esquemas representativos da comunicação discursiva, vale citar o que diz o pensador russo sobre o ouvinte e a compreensão passiva:

(...) o ouvinte com sua compreensão passiva, que é representado como parceiro do falante nos desenhos esquemáticos das linguísticas gerais, não corresponde ao participante real da comunicação discursiva. Aquilo que o esquema representa é apenas um momento abstrato do ato pleno e real de compreensão ativamente responsiva, que gera uma resposta (a que precisamente visa o falante). (BAKHTIN, 2006, p. 273)

Para Bakhtin, a linguística que olha para a comunicação por meio de esquemas representativos “locutor-receptor” não pode explicar os fenômenos mais complexos da comunicação. Os ecos da posição de Bakhtin no início do século XX ainda ressoam no campo dos estudos da linguagem — a comunicação discursiva reflete um fenômeno pleno, concreto e real.

#### 4 O processo de construção do leitor do texto literário

A concepção bakhtiniana da obra literária como réplica do diálogo pode ser bastante significativa para a formação de leitores na esfera escolar. Bakhtin afirma que

a obra como réplica do diálogo está disposta para a resposta do outro (dos outros), para a sua ativa compreensão responsiva, que pode assumir diferentes formas: *influência educativa sobre os leitores*, sobre suas convicções, respostas críticas, influência sobre seguidores e continuadores; ela determina as posições responsivas dos outros nas complexas condições de comunicação discursiva de um dado campo da cultura. (BAKHTIN, 2006, p. 279, grifo nosso)

É importante considerar no processo de formação de leitores não apenas o diálogo entre sujeitos do discurso: o narrador e o leitor, mas, em especial, a obra como um elo na cadeia de comunicação discursiva. Bakhtin explica que “a obra está vinculada a outras obras — enunciados — com aquelas as quais ela responde, e com aquelas que lhe respondem”. Nesse sentido, para a tarefa de formar leitores literários cabe ressaltar a necessidade de os sujeitos responsáveis pela formação de leitores, professores, pais, educadores, oferecerem ao leitor repertório literário, um conjunto de obras. O leitor entrará no diálogo com a literatura de forma plena. Conseguirá não apenas dar uma resposta ao autor, mas também receber e dar respostas ao discurso literário inserido na corrente do tempo.

#### 5 O problema da concepção do destinatário do discurso

Para Bakhtin, o problema da concepção do destinatário do discurso (como o sente e imagina o falante ou quem escreve) é de enorme importância na história da literatura. O foco no leitor não é por acaso. Ele é parte constitutiva do produto da atividade estética literária.

Para tratar do destinatário do discurso, Bakhtin chama a atenção para o aspecto temporal de uma obra:

Cada época, para cada corrente literária e estilo artístico-literário, cada gênero literário no âmbito de uma época e cada corrente têm como características suas concepções específicas de destinatário da obra literária, a

sensação especial e a compreensão do seu leitor, ouvinte, público, povo.  
(BAKHTIN, 2006, p. 305)

Embora Bakhtin mostre que para um estudo histórico das mudanças das concepções específicas do destinatário se faz necessária uma clareza teórica na própria colocação do problema, podemos partir apenas da concepção da relação do leitor com o espaço-temporal da narrativa literária para apontar para um problema corrente na esfera escolar. A prática de ensino de leitura literária tem mostrado que alunos-leitores não são colocados como parte constitutiva do enunciado. Essa situação pode explicar a falta de interesse dos estudantes por obras da literatura clássica. Distantes do tempo e do espaço dessas obras, os alunos-leitores não veem de que maneira poderiam estabelecer um diálogo vivo com a literatura.

Para M. Bakhtin (2006, p.305), “o direcionamento do enunciado é sua peculiaridade constitutiva sem a qual não há nem pode haver enunciado”. O leitor como constituinte de uma obra literária participa do diálogo que as obras estabelecem com aquelas as quais elas respondem, e com aquelas que lhe respondem.

Vejamos como Bakhtin explica o funcionamento do discurso com direcionamento para o destinatário:

A língua como sistema possui uma imensa reserva de recursos puramente linguísticos para exprimir o direcionamento formal: recursos lexicais, morfológicos (os respectivos casos, pronomes, formas pessoais dos verbos), sintáticos (diversos padrões e modificações das orações). Entretanto, eles só atingem direcionamento real no todo de um enunciado concreto. A expressão desse direcionamento real nunca se esgota, evidentemente, nesses recursos linguísticos especiais (gramaticais). Eles podem nem existir, mas, neste caso, o enunciado pode refletir de modo muito acentuado a influência do destinatário e sua atitude responsiva antecipada. A escolha de *todos* os recursos linguísticos é feita pelo falante sob maior ou menor influência do destinatário e da sua resposta antecipada. (BAKHTIN, 2006, p.306)

A escolha de todos os recursos linguísticos realiza-se sob a influência do destinatário e da sua resposta antecipada, de acordo com o pensamento bakhtiniano. O leitor não apenas participa da comunicação discursiva ele é elemento constituinte do discurso.

## 6 Cronotopo do autor e cronotopo do leitor

Cada época, cada movimento literário, cada estilo artístico-literário, cada gênero literário, nos limites de uma época e de um movimento, caracteriza-se

por sua concepção particular do destinatário da obra literária, por uma percepção e uma compreensão particulares do leitor, do ouvinte, do público, da audiência popular.  
M. Bakhtin

Bakhtin (2010) chamou de *cronotopo* “a interligação fundamental das relações temporais e espaciais, artisticamente assimiladas em literatura” (BAKHTIN, 2010, p. 211). O autor explica que “esse termo é empregado nas ciências matemáticas e foi introduzido e fundamentado com base na Teoria da Relatividade de Einstein” (p.211). Convém observar que para Bakhtin não é importante o sentido específico que o termo tem na Teoria da Relatividade. Ele o toma emprestado para aplicar à crítica literária quase como uma metáfora. Entende “o cronotopo como uma categoria conteudístico-formal da literatura”.

Em Machado (2010), é possível compreender por que o termo *cronotopo* é considerado por Bakhtin como uma quase metáfora. Segundo a autora, “a noção de tempo como dimensão de espaço encontra-se desenvolvida nos campos da Física e da Biologia” (MACHADO, 2010, p. 212). Compreende-se, assim, que o filólogo russo encontra na Física, particularmente em ideias desenvolvidas pela Teoria da Relatividade, elementos para desenvolver suas percepções do cronotopo na literatura. Para Machado (2010),

sua quase metáfora apoia-se fundamentalmente no acontecimento, o que nos permite elaborar uma linha conceitual de mão dupla: tanto de Bakhtin em relação a A. Einstein quanto deste em relação àquele, afinal ambos centram suas reflexões no acontecimento, nas percepções e na linguagem como forma de elaboração do conjunto das observações (p. 212-213)

Trabalhando o percurso da construção da concepção de cronotopo em Bakhtin, Machado (2010) chama a atenção para o elemento que aproxima esses dois homens do século XX — a linguagem. Vejamos um trecho que a autora seleciona da obra de Einstein publicada em 1922, *O significado da relatividade*:

Por meio da linguagem, indivíduos diferentes podem, numa certa medida, comparar as suas experiências. Verifica-se que certas percepções dos sentidos de indivíduos diferentes se correspondem, enquanto que certas outras não têm entre si correspondência possível. Estamos habituados a considerar como reais aquelas percepções que são comuns a indivíduos diferentes, que são, por assim dizer, impessoais. As ciências naturais, e, em particular a mais fundamental de todas, a Física, ocupam-se de tais percepções. O conceito de corpo físico e, em particular de corpos rígidos, é um complexo relativamente constante de tais percepções. A única justificação que podemos dar dos nossos conceitos e sistemas de conceitos é a de que eles servem para

representar o complexo das nossas experiências: para além disto não tem a menor legitimidade. (MACHADO *apud* EINSTEIN, 1984, p. 10)

Como se observa, a experiência recebe um tratamento estético por meio da linguagem literária. Desse modo, a relação espaço-temporal está no centro dos acontecimentos.

Para apontar um momento sobre a discussão que M. Bakhtin (2010, p.358) faz sobre o cronotopo do autor e do leitor, é preciso considerar primeiramente que “naquele tempo-espaço totalmente real onde ressoa a obra, onde se encontra o manuscrito ou o livro, encontra-se também o homem real que criou a língua falada, que ouve e lê o texto”.

Segundo Bakhtin (2010, p.358) “autores e leitores podem se encontrar (e frequentemente se encontram) em tempos-espacos diferentes, separados às vezes por séculos e por distâncias espaciais, mas se encontram da mesma forma num mundo uno, real, inacabado e histórico que é separado pela fronteira rigorosa e intransponível do mundo *representado* no texto” (p.358). Essa concepção de cronotopo situa claramente a fronteira que existe entre o mundo real e o mundo representado. Bakhtin chama o mundo real de criador do texto, uma vez que todos os seus elementos, a realidade refletida no texto, os autores que o criam, os intérpretes e os leitores que o reconstituem – e, nessa reconstituição, o renovam –, participam em partes iguais da criação do mundo representado.

Nesse sentido, os cronotopos podem se aproximar de modo singular, cruzarem-se e se entrelaçarem na construção de sentidos de uma obra literária. Contudo, Bakhtin chama a atenção para o cuidado que se deve ter em não confundir o cronotopo do mundo real com o do mundo representado:

Como dissemos, entre o mundo real representante e o mundo representado na obra, passa uma fronteira rigorosa e intransponível. Isto nunca se pode esquecer; não se pode confundir, como se fez e até hoje ainda se faz, o mundo representado com o mundo representante (realismo ingênuo), o autor-criador da obra com o autor-indivíduo (biografismo ingênuo), o ouvinte-leitor de diversas (e muitas) épocas, que reconstitui e renova, com o ouvinte-leitor passivo seu contemporâneo (dogmatismo de concepção e de avaliação). Confusões deste gênero são totalmente inadmissíveis do ponto de vista metodológico. (BAKHTIN, 2010, p.358)

Quando colocados diante de uma obra literária, os estudantes estão distantes do espaço e do tempo do mundo representado no espaço da narrativa. Mas, ao entrarem na



temporalidade da rede de relações que abarca esse mundo, reconstituem e renovam a vida representada, atualizam as obras reproduzindo-as, no espaço de outro mundo representado, o mundo representado em textos de suas autorias.

Graças aos aspectos que dizem respeito a alguns dos elementos caracterizadores do cronotopo como, por exemplo, a percepção da dinâmica do tempo em relação ao espaço a partir de posições enunciativas concomitantes do narrador e do leitor, é possível analisar a relação que se estabelece entre narradores e leitores na corrente do tempo, levando em consideração a atualização que o leitor faz de uma obra independentemente de que época foi criada.

Dando continuidade à avaliação dos aspectos do *cronotopo do autor e do leitor*, é necessário esclarecer que, para M. Bakhtin (2006, p.410), “não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites)”. Compreendemos, assim, que o autor compartilha um diálogo com o leitor na “grande estrada” da cultura humana, isto é, no “grande tempo”.

## **7 De que ponto espaço-temporal observa o autor os acontecimentos por ele representados?**

O título desse tópico é uma questão levantada por Bakhtin no ensaio “Formas de tempo e de cronotopo no romance: ensaios de poética histórica”. Bakhtin (2010, p. 359-360) constata depois das análises de narrativas literárias que o “autor-criador move-se livremente no seu tempo: ele pode começar sua narrativa pelo fim, pelo meio ou por qualquer instante dos acontecimentos representados, sem com isso destruir o curso objetivo do tempo no acontecimento representado”. Esse aspecto da relação espaço-temporal, apontado nas análises, trouxe para autor russo uma questão: de que ponto espaço-temporal observa os acontecimentos por ele representados?

Para responder a essa questão, Bakhtin (2010, p.360) posiciona o autor a partir de sua “contemporaneidade inacabada em toda a sua complexidade e completude, encontrando-se ele mesmo como que numa tangente da realidade representada”. Procuramos compreender o que Bakhtin entende por contemporaneidade inacabada?

Esta contemporaneidade por onde observa o autor compreende principalmente o domínio da literatura; não só contemporânea, no sentido

estrito da palavra, mas também passada, que continua a vida e se renova na atualidade. O domínio da literatura e, mais amplamente, da cultura (da qual não se pode separar a literatura) compõe o contexto indispensável da obra literária e da posição do autor nela, fora da qual não se pode compreender nem a obra nem as intenções do autor nela representadas. (BAKHTIN, 2010, p.360)

A partir do tratamento que Bakhtin dispensa ao cronotopo do autor, é possível verificar em análises de narrativas literárias que os sentidos produzidos pela relação espaço-temporal não estão separados do campo da cultura humana. O pensamento bakhtiniano sobre as relações espaço-temporais oferece também mecanismos para análise dos sentidos construídos pelo leitor na produção escrita.

### Considerações finais

O lugar que o leitor ocupa na obra literária traz uma questão particularmente relevante: ele permanece fora do mundo representado no espaço da narrativa tanto na posição de leitor como na de autor dos textos literários. Entretanto, as imagens que ele constrói na posição de narrador no espaço da narrativa literária constituem o grande tempo da cultura humana.

### Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra, 4ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- \_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p.271-306.
- \_\_\_\_\_. O problema do autor. In: *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p.173-192.
- \_\_\_\_\_. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 6ª edição, Tradução de Aurora F. Bernardini et al. São Paulo: HUCITEC, 2010.
- \_\_\_\_\_. Formas de tempo e de cronotopo no romance: ensaios de poética histórica. In:\_\_\_\_\_. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 6ª edição, Tradução de A. F. Bernardini et al. São Paulo: HUCITEC, 2010, p. 211-362.

DE PAULA, Luciane e Grenissa Stafuzza (orgs.) *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2010. (Série Bakhtin: Inclassificável; v.1).

MACHADO, Irene. A questão espaço-temporal em Bakhtin: cronotopo e exotopia. In: DE PAULA, Luciane e Grenissa Stafuzza (orgs.). *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2010, pp. 203-234. (Série Bakhtin: Inclassificável; v.1)

**Recebido em:** 20.03.2014

**Aceito para publicação em:** 10.04.2014